

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
*CAMPUS* SOROCABA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

**Maiara da Silva Neves**

**AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS PÚBLICAS PERIFÉRICAS DE  
SOROCABA/SP EM 2015: RELATOS E REFLEXÕES**

Sorocaba/SP  
2024

Maiara da Silva Neves

## **AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS PÚBLICAS PERIFÉRICAS DE SOROCABA/SP EM 2015: RELATOS E REFLEXÕES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para obter o título de Licenciada no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba

Orientador: Prof. Dr. Marcos Francisco Martins.

Sorocaba/SP  
2024

Silva Neves, Maiara da

As ocupações de escolas públicas periféricas de Sorocaba/SP em 2015: relatos e reflexões / Maiara da Silva Neves -- 2024.  
62f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Marcos Francisco Martins

Banca Examinadora: Maria Carla Corrochano, Luciana Cristina Salvatti Coutinho

Bibliografia

1. Movimento Estudantil. 2. Movimento Secundarista. 3. Ocupações de escolas nas periferias de Sorocaba/ SP em 2015. I. Silva Neves, Maiara da.  
II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8 6979

## **DEDICATÓRIA**

*“Ah, comigo o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é”*  
(Carolina Maria de Jesus, 1977)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos Orixás e meus guias, que sempre estiveram abrindo caminhos e me dando confiança frente aos desafios.

Dedico e agradeço pelo acolhimento, paciência e incentivo:

- à minha família, aos meus sobrinhos, a minha mãe, Joana D'arc, meu pai, Manoel, e minhas irmãs, Carina, Fernanda e Carolina, que mesmo há milhas de distância, se fizeram presentes ao longo da minha graduação;

- à minha namorada, Jakeline Moraes;

- às minhas amigas, Gabriela Barbosa e Emily Ferreira, e todas aquelas pessoas especiais, que me acalmaram e me auxiliaram ao longo da pesquisa;

- aos secundaristas e apoiadores, que lutaram ao meu lado durante o ano de 2015, especialmente o José Augusto, que permaneceu em minha vida e se tornou meu melhor amigo;

- ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Francisco Martins, que me acompanhou ao longo dessa trajetória e todas as professoras que contribuíram com a minha formação e evolução acadêmica.

**Resumo:** com as reformas de ensino anunciadas na Proposta de Emenda Constitucional (PEC 241/2016), em setembro de 2015, os(as) estudantes secundaristas reagiram, organizando-se para irem às ruas e manifestarem a indignação diante do possível fechamento de escolas e realocação da comunidade escolar no estado de São Paulo. Como esses protestos não surtiram o desejado efeito, em novembro de 2015, os atos ganham mais força, até chegarem ao ponto de os(as) jovens ocuparem os prédios escolares no Estado de São Paulo. No interior do Estado, na cidade de Sorocaba/SP, as escolas da periferia foram pioneiras no movimento e o presente trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Pedagogia tomou esses eventos como objeto de pesquisa. A investigação adotou como método a pesquisa bibliográfica e documental, focando as ações realizadas ao longo da luta contra a reforma na periferia de Sorocaba/SP. Em particular, a pesquisa procurou relatar e refletir sobre o processo de ocupação a partir da vivência da autora, que participou da ocupação da E. E. Professor Jorge Madureira, localizada no bairro Jardim Guaíba, bem como sobre a rotina dos(as) estudantes e os processos educativos que se desenvolveram nessa escola e em outras do bairro, como a E. E. Prof<sup>a</sup> Beathris Caixeiro Del Cistia. O conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo, foi assumido como referência teórica para a análise e compreensão dos fatos ocorridos nas ocupações secundaristas investigadas.

**Palavras-chave:** movimento estudantil; movimento secundarista; ocupações de escola; Sorocaba/SP.

## LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Ato do dia 17/11/2015, quando os(as) estudantes interditaram a Avenida Itavuvu, no município de Sorocaba .....	22
Foto 2 - Estudantes na frente à primeira escola ocupada, E. E. Lauro Sanches, durante a manifestação do dia 19 de novembro de 2015.....	25
Foto 3 - Manifestantes no pátio da escola E. E. Antonio Padilha.....	26
Foto 4 - Manhã da ocupação da escola E. E. Professora Beathris Caixeiro Del Cistia.....	28
Foto 5 - Passeata até a E. E. Professor Jorge Madureira para efetivar a ocupação.....	31
Foto 6 – Captura de tela enviada nos grupos das ocupações.....	33
Foto 7 - Carrinhos com alimentos arrecadados na vizinhança.....	35
Foto 8 – Interclasse na quadra escola.....	36
Foto 9 – Os(As) estudantes tiveram aulas ministradas de direito constitucional por universitários(as) .....	37
Foto 10 - Faixa que ficava pendurada ao lado de fora da ocupação.....	40
Foto 11 - Porta da secretária da escola com barricadas.....	41
Foto 12 - Hora do almoço na ocupação.....	42
Foto 13 - Boneca Abayomi que usava como chaveiro durante as ocupações. ....	43
Foto 14 - Roda de conversa no pátio da escola.....	45
Foto 15 - Contos e cantorias em roda de verso com a convidada.....	47
Foto 16 – Festa surpresa na ocupação 01 de dezembro de 2015 .....	49
Foto 17 – Caixa de água da E. E. Professor Jorge Madureira durante as ocupações.....	50
Foto 18 – Manifestação na frente da casa do antigo prefeito Antônio Carlos Pannunzio. ....	53
Foto 19 – Cordão humano com as mulheres no segundo ato contra o aumento da tarifa. ....	54
Foto 20 – Jerezeis, “ocupas” da E. E. Professor Jorge Madureira... ..	55

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1 - Número de famílias em pobreza e extrema pobreza – Sorocaba 2021...	23
Mapa 2 - Localização das escolas Escola Estadual Profª Beathris Caixeiro Del Cistia e Escola Estadual Prof. Jorge Madureira.....	24



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2. SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA .....</b>	<b>11</b>
<b>3. AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS EM 2015 NO BRASIL E O MOVIMENTO DESENVOLVIDO EM SOROCABA/SP .....</b>	<b>14</b>
3.1 Apontamentos sobre o movimento de ocupação de escolas públicas no Brasil e no Estado de São Paulo em 2015 .....	14
3.2 As ocupações de escolas de 2015 em Sorocaba/SP: breve relato.....	22
<b>4. RELATOS E REFLEXÕES SOBRE AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS PÚBLICAS DA REGIÃO PERIFÉRICA DE SOROCABA/SP EM 2015 .....</b>	<b>30</b>
4.1 Relatos sobre as ocupações de escolas públicas periféricas.....	31
4.1.1 E. E. Profª Beathris Caixeiro Del Cistia .....	34
4.1.2 E. E. Profº Jorge Madureira .....	38
4.2 Reflexões sobre desafios enfrentados e os resultados alcançados com o movimento de ocupação de escolas públicas periféricas de Sorocaba/SP em 2015 .....	51
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>56</b>
<b>6. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>58</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) relata o processo de manifestações e ocupações em duas escolas periféricas da cidade de Sorocaba no ano de 2015. Ele foi desenvolvido a partir de pesquisas bibliográfica e documental, e contou também com o repertório de minha vivência, porque atuei junto aos(as) secundaristas protagonizaram essa luta.

Cabe salientar que, além da participação nesse processo, minha biografia como mulher negra e periférica perpassa por ações no campo da educação das relações étnico-raciais. De fato, tenho interesse nessa temática, tanto assim que me tornei membra do Núcleo de Estudo Afro-brasileiros (NEAB UFSCar) e ao realizar a transferência interna do campus São Carlos onde cursava Educação Especial para o curso de Pedagogia no campus, ingressei no grupo de estudos Educação, Territórios Negros e Saúde (ETNS). Com essas interações acadêmico-políticas, participei de processos de desenvolvimento de pesquisas sobre juventudes com a periferia, adotando como “pano de fundo” e assumindo como principal referência acadêmica autoras negras, em especial, Carolina Maria de Jesus.

Assim como nas demais pesquisas das quais participei e que conheci, essa cujos resultados são relatados neste TCC também teve algumas dificuldades. Entendo que a maior delas foi desenvolver uma narrativa com o olhar para esse momento das ocupações estudantis de forma crítica e nelas identificar os processos de desenvolvimento ético, político e educacional proporcionado por esse movimento, reconhecendo os erros e os acertos presentes e suas consequências na trajetória de vida da autora.

Entretanto, a participação nos eventos narrados como objeto de pesquisa é um alicerce para fundamentar a importância dos registros pessoais e de resgatar a história, para que ela seja contada pelas pessoas que fizeram parte dela, que protagonizaram seu desenvolvimento, não apenas a observaram “de fora”. Sendo assim, entendo que este TCC acabou por se constituir em uma oportunidade de colaborar com o incremento do conhecimento sobre a trajetória do movimento estudantil, particularmente o desenvolvimento no município de Sorocaba/SP, no início da segunda década do século XXI.

Diante do desejo de eternizar, através da escrita, os dias vividos no interior das ocupações, a pesquisa aqui relatada foi sendo desenvolvida longo da graduação, tornando-se tema de alguns trabalhos na disciplina de Metodologia de Pesquisa e das discussões principalmente nas aulas de Sociologia e Educação Não Formal. Desse modo, foi ganhando forma e referencial teórico o embasamento das discussões sobre a temática deste TCC, que resultou em questionamentos e hipóteses sobre os impactos que os movimentos de ocupação causaram na vida dos(as) jovens que deles participaram. Também neste trabalho há relatos pessoais das recordações que a autora carrega desses processos, das inquietações que só podem ser sanadas por meio de desenvolvimento de posteriores pesquisas, inclusive envolvendo outros(as) integrantes das ocupações de 2015 em Sorocaba/SP.

Assim constituída, os(as) leitores(as) poderão encontrar nas linhas abaixo uma síntese dessa minha trajetória pessoal nas ocupações de 2015 e um pouco da história delas, o que está articulado textualmente em dois capítulos e uma conclusão, acompanhada das referências que foram empregadas (citadas) ao longo do texto.

No capítulo “3”, denominado de “As ocupações de escolas em 2015 no Brasil e o movimento desenvolvido em Sorocaba/SP”, foram resgatados, a partir das matérias de jornais e da literatura científica, os momentos iniciais das articulações dos estudantes frente à Proposta de Emenda Constitucional (PEC 241/2016) e seus impactos no âmbito estadual e municipal, como se deram as manifestações que mobilizaram o país até chegar ao ponto de ocupar os prédios escolares como forma de protesto devido à falta de diálogo com os(as) estudante e o restante da comunidade escolar.

Por sua vez, o capítulo “4”, chamado de “Relatos e reflexões sobre as ocupações de escolas públicas da região periférica de Sorocaba/SP em 2015”, consiste em uma narrativa sobre os bairros onde as escolas ocupadas se localizam, como foi o processo de ocupação e qual foi a rotina vivenciada em cada uma delas, dando maior ênfase na segunda escola, onde a autora deste TCC permaneceu durante todo o processo de luta contra a reestruturação pretendida pelo Governo do Estado de São Paulo.

Por fim, na “Conclusão”, analisamos as respostas encontradas ao problema de pesquisa, baseando-nos nas leituras e reflexões realizadas para melhor entender as influências políticas e éticas desenvolvidas na vida da autora e os processos educacionais que envolveram o movimento estudantil e seu levante de secundaristas ocorridos no ano de 2015.

## 2. SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA

Este trabalho trata de uma pesquisa bibliográfica e documental, que investigou artigos científicos, livros e documentos diversos sobre as ocupações secundaristas de escolas públicas periféricas estaduais da cidade de Sorocaba em 2015. Os artigos e livros foram identificados em busca na Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO.) empregando os seguintes descritores: movimento estudantil, ocupações secundaristas de 2015, reforma do ensino médio, PEC 241. Foi utilizado também as fontes e os produtos encontrados no *site* do projeto Ocupações Secundaristas no Brasil em 2015 e 2016, da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), organizado pelo Luis Antonio Groppo e sua equipe. .

Compuseram também o *corpus* da pesquisa matérias de jornais da cidade de Sorocaba, que foram acessadas de forma digital, bem arquivos de redes sociais utilizadas como forma de comunicação entre os(as) estudantes desde as primeiras movimentações frente a PEC 241/2016.

A partir da ótica regional, foram observadas as influências que as ocupações tiveram em sujeitos do movimento estudantil secundaristas. De acordo com o repertório pessoal da pesquisadora, refletiu-se sobre o fenômeno das ocupações estudantis assumindo como principal referência teórica o conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo, com vistas a orientar a leitura dos fatos ocorridos nas ocupações secundaristas investigadas.

Além da referida referência teórica, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ainda tem como referência produções de Groppo (2018); Corti, Corrochano e Silva (2016); o livro “Escolas de Luta”, de Campos, Medeiros e Ribeiros (2016); as entrevistas com os(as) estudantes secundaristas de Sorocaba que protagonizaram o fenômeno investigado (Martins et all, 2016); os documentários de Carlos Pronzato, “Rebelião dos Pinguins” (2007), e de Ari Pinheiros e Fernando Freitas, “Escola estadual: ocupada!” (2015).

A plataforma digital utilizada como base para as buscas de materiais de jornais foi o G1, devido ao fato de os arquivos *online* contarem com informações detalhadas sobre as ocupações e sobre a rotina dentro delas. Os registros fotográficos contidos nas matérias identificadas na Plataforma também auxiliaram

esta pesquisadora a estabelecer uma linha cronológica dos acontecimentos e rememorar o roteiro do cotidiano vivido dentro das escolas ocupadas. Ainda cabe destacar que foi possível contar também com as poucas reportagens encontradas no Jornal Cruzeiro do Sul e o Jornal da Zona Norte, ambos de Sorocaba. Entre os demais *sites* que a pesquisa empregou, destaca-se o da Secretária da Educação de São Paulo. Ele serviu para auxiliar a leitura e a análise na íntegra dos primeiros anúncios sobre a reforma do ensino médio e reorganização escolar anunciada para o Estado de São Paulo, em 2015.

Fez uso também das redes sociais e elas foram fundamentais para o enriquecimento da pesquisa, pois as conversas pessoais e os eventos criados para organizar as manifestações que antecederam as ocupações ficaram salvos no Facebook, sendo um dos locais onde posteriormente os secundaristas postavam informações sobre o dia-a-dia nas escolas ocupadas. As páginas dos movimentos sociais da cidade, como a do Levante Popular da Juventude, também serviram para encontrar registros fotográficos.

A escolha do tema do trabalho ocorreu durante o exercício de olhar minha própria trajetória junto aos movimentos sociais a partir da ótica teórico-metodológica da escritora Conceição Evaristo, que em seus estudos elabora o conceito de *escrevivência* da seguinte forma,

Como pensar a *Escrevivência* em sua autonomia e em sua relação com os modelos de escrita do eu, autoficção, escrita memorialística... Ouso crer e propor que, apesar de semelhanças com os tipos de escrita citadas, a *Escrevivência* extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Creio mesmo que o lugar nascedouro da *Escrevivência* já demande outra leitura. *Escrevivência* surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. (Duarte, Nunes, 2020, p. 38)

Diante desse resgate, deparei-me com relatos, fotos e objetos que marcaram minha adolescência dentro da ocupação da E. E. Profº Jorge Madureira e que direcionaram minha jornada política, pessoal e acadêmica. Elaborar essa pesquisa permitiu não só enxergar a importância da luta estudantil, seus avanços e retrocessos ao longo dos anos, suas conquistas e perdas após as ocupações, mas também analisar com olhar crítico a potência da escrita sobre si e de seu próprio

território, o que me foi ensinado pelas obras de Carolina Maria de Jesus, minha maior referência dentro e fora da academia.

Perante o exposto, foi elaborado a pesquisa documental, que se entrelaçou com meus relatos pessoais, em busca de iluminar as práticas educativas realizadas de forma autônoma pelos(as) estudantes e manifestantes em vínculo ou direcionamento partidário durante as ocupações das escolas periféricas de Sorocaba.

Nas linhas abaixo, os(as) leitores(as) encontraram uma síntese de todo esse processo de pesquisa.

### **3. AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS EM 2015 NO BRASIL E O MOVIMENTO DESENVOLVIDO EM SOROCABA/SP**

Em 2015, o Brasil vivenciou um fenômeno que ficou conhecido como a “Primavera secundarista” (Moresco, 2022), devido a uma série de movimentos causadas por consequência do descaso com a educação e dos projetos de leis e propostas que visavam a congelar gastos, fechar escolas e sucatear ainda mais o trabalho dos(as) professores(as), uma vez que impactaram e impactam diretamente a rotina trabalhista de toda comunidade escolar. Nesse tópico, iremos analisar como foi esse movimento de secundaristas e como reverberaram na cidade de Sorocaba, considerando a vivência nas ocupações como uma ferramenta para um olhar não só para as pautas que uniam os(as) estudantes, mas também para as experiências por eles(as) adquiridas ao longo das ocupações de escolas.

#### **3.1 Apontamentos sobre o movimento de ocupação de escolas públicas no Brasil e no Estado de São Paulo em 2015**

As ocupações de escolas públicas em 2015 caracterizaram-se pelo movimento dos(as) estudantes que iriam ser afetados com as alterações no ambiente escolar causadas pela Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241. Essa iniciativa construiu um momento de grande importância no cenário educacional e político, devido às manifestações que ocorreram pelas ruas da cidade no horário de aulas. “Hoje a aula vai ser na rua”, era uma das frases mais presentes nas rodas de conversa entre os(as) estudantes(as) que já estavam cientes que somente a pressão popular poderia barrar as reformas legais que os(as) prejudicariam.

De acordo com os recentes estudos sobre as ocupações de 2015, é possível afirmar que houve uma politização dos(as) estudantes a partir das experiências com a luta e o envolvimento com o movimento estudantil (Piolli; Pereira; Mesko, 2016). O movimento de 2015 foi uma das principais influências para as ocupações de 2016, também conhecida como “Primavera Estudantil” (El País, 2016), dessa vez desenvolvidas nacionalmente e se ampliando ao ambiente universitário, já que eles



também eram prejudicados com as mudanças proposta pelo governo de Michel Temer<sup>1</sup>.

As principais pautas responsáveis pela união dos(as) estudantes de diferentes níveis em 2015 foram:

- a revogação da reforma do ensino médio, que ainda estava sendo apresentada à sociedade; porém, sem nenhum tipo de consulta aos alunos(as) e professores(as), como já ocorrido em São Paulo no ano anterior;
- a rejeição da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241 na Câmara dos Deputados, [PEC 55](#) no Senado e popularmente conhecida como PEC do Teto, que altera a Constituição Federal (1988) para impor o congelamento de 20 anos nos recursos destinados investimentos e serviços públicos, tendo como teto de gastos o valor atingido no ano anterior e apenas corrigido pela inflação;
- a repulsa ao Projeto de Lei 193/16 “Programa [Escola sem Partido](#)”, denominado pelos movimentos sociais como “Lei da Mordaça”, pois impõe limite à liberdade de cátedra dos professores(as) e ao debate político dentro das salas de aula.

Considerando esse cenário vivido em 2015, a pesquisa cujos resultados são aqui apresentados toma-o como foco da investigação, na tentativa de sobre ele produzir relatos e reflexões a partir da observação da pesquisadora, que foi uma das protagonistas desse processo na cidade de Sorocaba/SP.

Desse modo concebida a pesquisa aqui apresentada, considera-se ser ela grande importância, pois a partir das investigações exploratórias realizadas foi possível constatar que se teve 200 escolas ocupadas no estado de São Paulo (Alves; Corrochano; Corti, 2016, p. 122), sendo 20 delas em Sorocaba (Pinheiro, Freitas, 2015), ou seja, quase 10% do total. Contudo, nem sempre ficam evidentes os impactos da vivência nos interiores das ocupações para além das pautas levantadas pelo movimento, deixando passar outros fatores sociais e lutas internas que também ocorreram dentro dos ambientes escolares, que estavam sendo organizados por jovens adolescentes.

---

<sup>1</sup> “Michel Temer foi eleito vice-presidente em 2010 e reeleito, em 2014, juntamente a Dilma. Assumiu definitivamente a Presidência da República em 31 de agosto de 2016, após o Senado Federal aprovar o processo de impeachment e afastar a presidente Dilma Rousseff do cargo. Durante o período de afastamento temporário de Dilma, Temer permaneceu como presidente interino por 111 dias. Com a confirmação do impedimento de Dilma pelo Senado Federal, Temer assumiu a Presidência plena até 31 de dezembro de 2018.” (Secretaria Geral - Governo Federal, 2021)

Assim sendo, esta pesquisa visa a colaborar no processo de ampliar o conhecimento sobre essa lacuna de ausência de estudos sobre as ocupações de escolas públicas na cidade de São Paulo e fazer o conhecimento da área de educação avançar um pouco mais em relação ao objeto de estudo em questão.

Cabe destacar que, nas poucas produções que se tem sobre o movimento de ocupações estudantis em escolas da região de Sorocaba/SP uma das produções que contempla a metodologia de entrevistas com os(as) participantes das ocupações de 2015 é o texto “As ocupações das escolas estaduais da região de Sorocaba/SP: falam os estudantes secundaristas” (Martins et all, 2016). Ele aborda a questão das ocupações em escolas de vários bairros da cidade de Sorocaba; entretanto, não tem como tema central o que esta pesquisa pretende focar: o olhar crítico de quem viveu as intensas manifestações articuladas pelas escolas da Zona Norte e aquelas semanas conturbadas no interior da escola E. E. Profº Jorge Madureira, uma das diversas ocupações que não contaram com o apoio dos coletivos e das universidades da região para organização das atividades e conscientização sobre a importância do movimento do qual muitos(as) estavam fazendo parte, contando apenas com a vizinhança e a parceria entre os(as) demais estudantes. Tem como objetivo também, refletir, a partir de escrivência, os impactos significativos do ponto de vista educacional, ético e político.

Ao analisar o contexto da educação brasileira durante os últimos governos, é possível compreender muito dos motivos pelos quais os secundaristas tiveram forças para realizar o que Groppo (2018a) denominou de **primeira onda de ocupações**, que ocorreram com maior força em São Paulo, em 2015, acompanhado de outros 27 Estados que, entre 2015 e 2016, os movimentos estudantis adotaram as ocupações das instituições de ensino como método de ação direta, inclusive em escolas técnicas e universidades.

Para melhor entendimento das ocupações, é válido frisar que a elevação dos números de adolescentes nas escolas estaduais e a falta de adequação ao novo perfil de aluno(a) geraram diariamente insatisfação dos(as) estudantes do ensino fundamental e médio. É importante afirmar que o aumento da presença de adolescentes se deu pela municipalização do ensino fundamental, garantida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), criada em 1996, durante o mandato do Fernando Henrique Cardoso (PSDB). De acordo com Corti, Corrochano

e Alves (2018, p. 125), a separação dos prédios pelas etapas escolares favoreceu também a queda das matrículas do ensino fundamental e o aumento da presença de alunos(as) de 15 a 17 anos no ensino médio com um perfil diferente dos outros anos, uma vez que o período noturno das escolas foi reduzido e o estudante trabalhador já não é mais frequente dentro das escolas.

O ano já havia iniciado com tensões dentro das escolas devido “[...] o cansaço e a frustração que resultaram da greve, somados à precarização do trabalho, aos baixos salários e à sensação de abandono vivida pelo professorado” (Corti; Corrochano; Silva 2016, p. 06) dentro de uma infraestrutura precária, o governo estava com uma “bomba” em mãos, que poderia explodir a qualquer momento, sobretudo, após a maior greve dos(as) professores(as) de março a julho de 2015 com duração de 92 dias, pois “[...] além de apoiar a pauta salarial dos docentes, os estudantes também levantaram reivindicações próprias, ligadas a melhorias na infraestrutura das escolas, contra a superlotação de salas, etc. (Januário et al., 2016, p. 24).

No ano de 2015, diversas manifestações tomaram conta das vidas dos(as) secundaristas do Estado de São Paulo, devido à proposta de “Reorganização Escolar”, que tinha como objetivo a implementação de escolas com o ciclo único, ou seja, cada escola seria responsável pelo ensino de 1º ao 5º do Ensino Fundamental ou de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental ou ainda de Ensino Médio (Educação SP, 2015). De acordo com APEOESP (2015), essa manobra faria com que 94 escolas fossem fechadas e 311 mil alunos(as) transferidos(as), afetando estudantes, professores(as) e funcionários(as) das escolas, bem como os(as) pais e responsáveis.

No dia 23 de setembro de 2015, o secretário da Educação de São Paulo, Herman Voorwald, concedeu uma entrevista para o jornal “Bom dia São Paulo”, da Rede Globo, onde afirmou que “A ideia é a de que cada unidade escolar passe a oferecer aulas de apenas um dos ciclos da educação a partir do ano que vem. Algumas unidades podem ser fechadas para reorganização da rede” (G1,2015a), deixando evidente que a mudança poderia acarretar em fechamento de escolas e deslocamento de toda comunidade escolar. Na análise de Costa e Vianna (2018), é possível encontrar na proposta de reforma:

[...] presença de uma perspectiva neoliberal: insignificante valorização da educação através arrochos salariais, minimização de recursos e precarização das condições de funcionamento das instituições educacionais, redução do papel do Estado quanto à garantia de direitos, além de um forte movimento de tentativa de desmonte das conquistas até então alcançadas historicamente. (Costa; Vianna, 2018, p. 77)

Antes de qualquer grande reação por parte dos mais afetados(as) com a reorganização a Secretaria da Educação, o secretário optou por convidar pais e responsáveis para o “Dia E”, que ocorreria em 14 de novembro de 2015, com o objetivo de convidá-los para uma reunião informativa, a fim de aplacar suas dúvidas e elucidá-los acerca da medida. Segue-se abaixo trechos dessa nota:

Educação convida pais e responsáveis para construção de um novo modelo escolar

O encontro ocorrerá em todas as escolas da rede no dia 14 de novembro. Para construir um novo modelo escolar e reorganizar as escolas da rede estadual é imprescindível a participação de pais e responsáveis. A Educação enxerga que este objetivo só será concretizado se todos atuarem juntos. É por isso que no dia 14 de novembro ocorrerá um megaencontro entre escolas e pais.

No Dia “E”, todos os participantes terão a oportunidade de entender o novo processo de reorganização, que prevê a ampliação do número de unidades de ciclo único em São Paulo e como serão feitas as transferências de alunos e quais escolas receberão cada um. A ação acontecerá de forma simultânea em todo o Estado.

A partir de 2016, as crianças e jovens matriculados no Ensino Fundamental e Médio terão um sistema de ensino mais adequado à faixa etária dos estudantes. Estudos e avaliações educacionais mostram que escolas que são oferecidas apenas um ciclo alcançam um rendimento 10% superior àquelas com três etapas. Atualmente a Educação conta com 479 escolas com ciclo único. A expectativa é aumentar ainda mais. (Secretaria da Educação, 2015)

O governo do Estado de São Paulo, Geraldo Alckimin (PSDB), justificava a reorganização a partir de um estudo produzido pela Coordenadoria de Informação, Monitoramento e Avaliação Educacional (CIMA), que em um primeiro momento só foi divulgado ao ser solicitado pelo Jornal Estado de São Paulo, utilizando a Lei do Acesso às Informações<sup>2</sup>. O estudo defendia que a reorganização era uma garantia de uma melhora na gestão da escola, pois ela ficaria menos complexa e com isso o desempenho dos(as) alunos(as) também melhoraria. Porém, essa lógica de raciocínio não tem embasamento teórico suficiente para sustentar uma mudança desse tipo e nem foram analisados os demais fatores, como indica o trecho da

---

<sup>2</sup> A Lei nº 12.527, sancionada em 18 de novembro de 2011, regulamenta o direito constitucional de acesso dos cidadãos às informações públicas e é aplicável aos três poderes da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios. (Planalto, 2011)

análise realizada pela Universidade Federal do ABC durante todas as mudanças e questionamentos de novembro:

Se por um lado há evidências de que uma melhor gestão implique em melhorias no desempenho, como aponta Tavares (2014), não encontramos nenhuma referência de que haja conexão entre a oferta reduzida de ciclos e simplificação da gestão ou sequer entre ciclo único e melhoria da gestão escolar. Aliás, o próprio termo “melhor gestão” não é bem definido pelos autores do estudo e pode significar muitas diferentes dimensões. *Em suma, não encontramos e nem foi mostrado no estudo qualquer embasamento teórico ou empírico que relacione a oferta de um único ciclo a uma melhoria na gestão.* (Pó et alli, 2015, p. 08, – itálicos dos autores/as)

Opiniões de especialistas de educação, como por exemplo, a ex-secretária de educação do Estado de São Paulo, Rose Neubauer, que em um vídeo produzido para o *site* da Secretaria de Educação argumentava que a reorganização era fundamental para uma educação de qualidade, pois ela deixaria as escolas estaduais articuladas como as escolas privadas. Na mesma publicação da Secretária, Ana Penido, diretora executiva do Instituto Inspirare e Porvir, complementa dizendo que “A distribuição das escolas por ciclo é fundamental para atender necessidades específicas de cada faixa etária e personalizar mais a educação” (Secretaria da Educação, 2015), sendo esse um ponto fundamental para melhoria da qualidade do ensino.

Com essa medida, o Estado também visava a fazer alterações nos períodos de aula, que também iriam ser alterados, extinguindo assim a atuação noturna de diversas escolas, fazendo com que muitos estudantes desse período fossem transferidos involuntariamente para o período diurno, medida vista como excludente, por não ser capaz de considerar os demais fatores da vida dos(as) alunos(as), como a realidade dos jovens trabalhadores, que durante o dia trabalham.

As transferências para escolas de até 1,5 km de suas casas (Secretaria da Educação, 2015) não melhorava em nada a situação da educação paulista e dos alunos e alunas, pois a mudança da rota dos(as) estudantes não considerou algumas particularidades presentes na rotina de cada um, que vai desde ser a mesma rota para escola de algum parente, facilitando na hora do transporte, ou da supervisão dos responsáveis, e até mesmo a questão de segurança no caminho percorrido; a falta de iluminação e de circulação de pessoas, por exemplo, são fatores suficientes para não serem um caminho seguro, principalmente para alunas do período noturno.

Talvez, o que não esperavam os(as) responsáveis pela medida é que no interior dessas escolas, alvos do processo de reorganização, haveria jovens dispostos(as) a lutar pelos seus direitos, que já não estavam sendo respeitados(as) pela falta de diálogo com o Secretário de Educação, uma vez que ele não consultou os(as) estudantes, os professores(as) e funcionários, e nem ao menos considerou outros fatores (distância entre a escola e a residência do/a aluno/a, por exemplo) que implicam a escolha da escola ao formular a reorganização pretendida. Além disso, cabe mencionar que, sobre as escolas, apesar de todas as falhas que têm, é possível encontrar na literatura relatos que demonstram um sentimento de familiaridade e afeto entre estudantes, funcionários(as) e espaço físico da escola:

O “ciclo de amizade” carrega consigo uma longa história. São muitos anos que os(as) estudantes se conhecem e estudam juntos: “desde pequenininho” “desde a quinta série” ou mesmo a apenas um ano. Como resume um aluno: “[...] é foda, sair de uma escola que você tá a vida inteira” Por um lado, é uma reflexão sobre os efeitos da “reorganização” na biografia de cada um(a) deles: são “anos de história e amizades que talvez a gente perca!” Mas por outro lado, os estudantes também ressaltam que a reestruturação da rede impacta a rede de sociabilidade da comunidade escolar como um todo, atravessando famílias e gerações. (Medeiros; Januário, 2017, p. 19)

Maiores informações sobre os impactos que a reorganização iria causar começaram a circular por canais não governamentais, causando mais indignação e sentimento de descaso com os alunos(as) que, por sua vez, começaram a se organizar e receber apoio de instituições e movimentos sociais, como é o caso da APEOESP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) e coletivos que articulavam por diferentes pautas.

Os estudantes mobilizados conquistaram, ainda recentemente, uma demanda histórica e provaram que era possível prover o direito democrático à gratuidade no transporte público por meio do Passe Livre Estudantil (Lei Estadual Nº 15.692/2015-SP). (Canhadas, 2020, p. 80)

Virtualmente, o movimento ganhou mais visibilidade, fazendo com que páginas do Facebook, como “Não fechem minha escola” e “O Mal Educado”, se tornassem responsáveis pela divulgação sobre as ações do governo e os atos que estavam ocorrendo pelo estado. Os responsáveis pelo “O Mal Educado” foram os autores da tradução e compartilhamento da cartilha “Como ocupar meu colégio”, material adaptado à realidade brasileira, mas que teve origem em movimentos

estudantis estrangeiros, como a Revolta dos Pinguins, no Chile, e as ocupações secundaristas, na Argentina.

De acordo com o documentário de Carlos Pronzato, “Rebelião dos Pinguins” (2007), essa série de manifestações e ocupações organizadas pelo movimento estudantil, com demandas desde o fim da municipalização do ensino até a gratuidade do transporte, conseguiram reunir milhares de apoiadores, entre eles estudantes, professores e civis. As lições ensinadas para o mundo foi que os(as) jovens eram sim capazes de questionar as autoridades e lutar pelos seus direitos.

É interessante perceber as influências que são possíveis estabelecer entre as Jornadas de Junho de 2013 e as primeiras manifestações organizadas pelos estudantes nos meses finais de 2015. Em 2013, a pauta inicial se deu pelo aumento das passagens dos transportes públicos no Brasil e os atos eram organizados pela Internet, garantindo agilidade no repasse de informações. Conforme o aumento dos manifestantes, pautas relacionadas aos governos estaduais eram adicionadas, como por exemplo, no Rio de Janeiro, que fez presente nas manifestações o pedido de retirada do governador Sérgio de Oliveira Cabral (MDB), com o “Fora Cabral”, que pedia a saída do então governador. (Costa; Vianna, 2018, p. 69)

Para Piolli, Pereira e Mesko, a ocupação política do espaço público ocorrida em 2013 foi fundamental para o movimento de 2015:

Assim, entre as Jornadas de Junho e as ocupações secundaristas, há vários elementos de continuidade. A organização autônoma de setores da juventude que, por meio da ocupação de ruas, avenidas, espaços e equipamentos públicos, reivindicam pautas que são amplamente apoiadas pela população, tais como o direito à mobilidade e à educação, e que logram êxito em suas campanhas. Por último, vale lembrar que a vitória política possui um valor pedagógico, além de encorajar outros setores a trilhar o mesmo caminho dentro de um ciclo de protestos. (Piolli; Pereira; Mesko, 2016, p. 26)

Segundo Groppo (2018a, p. 96), entre o fim de setembro e início de novembro de 2015, houve movimentações em mais de 60 cidades com a participação dos secundaristas, professores e apoiadores marcando o início do que ficaria conhecido como uma importante luta secundarista. Diversas ações, como passeatas, panfletagem, intervenções artísticas etc., foram realizadas na tentativa de fazer com que o governo paulista voltasse atrás com a reorganização.

### 3.2 As ocupações de escolas de 2015 em Sorocaba/SP: breve relato

Em Sorocaba, os atos tiveram mais visibilidade em novembro, tendo o registro de uma passeata pacífica, com cerca de vinte estudantes, no dia 03 de novembro de 2015, até a prefeitura da cidade, pedindo para que a reorganização estadual não fosse executada (G1, 2015b). Porém, nos atos posteriores as ruas viraram palco de confronto entre alunos(as) e policiais.

Sete dias depois desse primeiro ato, dessa vez com apoio da APEOSP, foi realizada uma passeata no centro da cidade contra a reorganização com aproximadamente cem pessoas (Diário de Sorocaba, 2015). É importante frisar que, nesse primeiro momento, as escolas da Zona Norte ainda não estavam participando em peso das passeatas, apenas as escolas estaduais "Mário Guilherme Notari", "Profª Elza Salvestro Bonilha", "Prof. Flávio Gagliardi", "Prof. Dorival Dias de Carvalho" e "Prof. Salvador Ortega Fernandes".

**Foto 1** – Ato do dia 17/11/2015, quando os(as) estudantes interditaram a Avenida Itavuvu, no município de Sorocaba.



Fonte: Mural do evento no Facebook para o ato do dia 23 de novembro de 2015<sup>3</sup>.

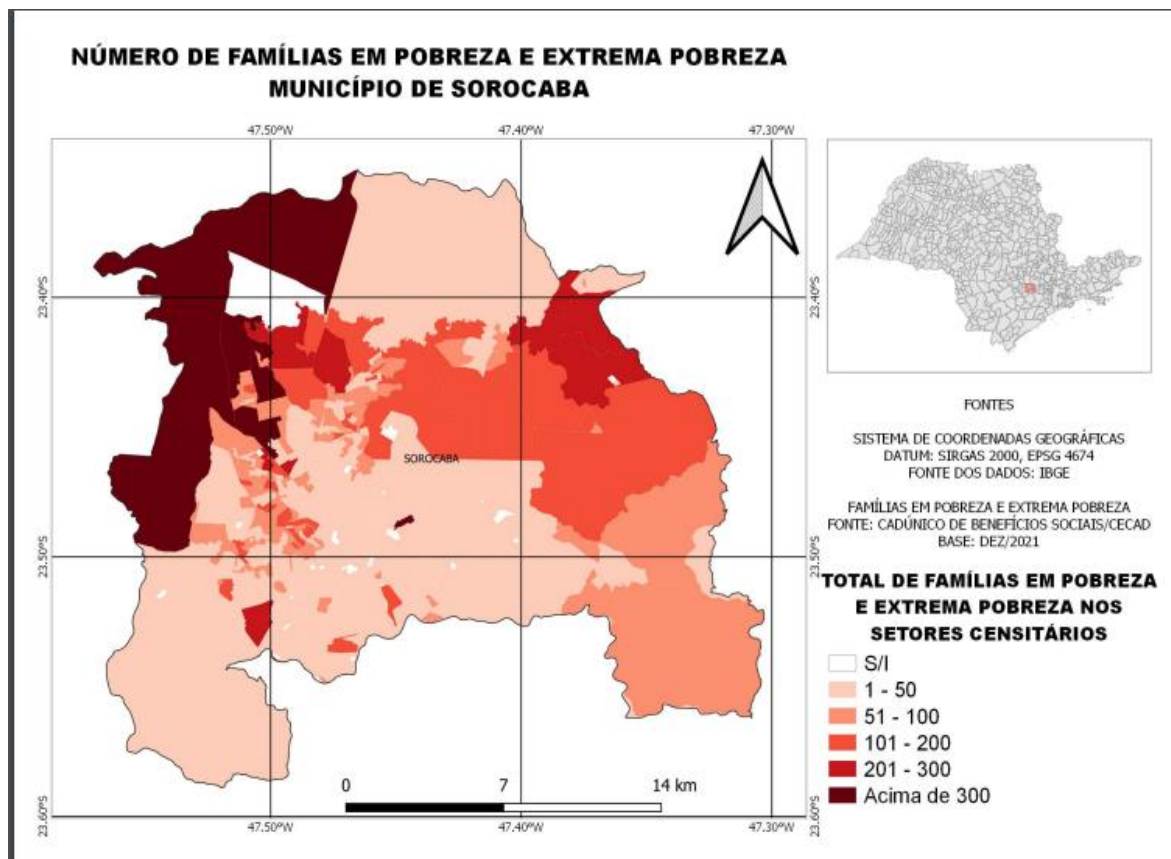
<sup>3</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=556632404499228&set=pcb.837732416344827>. Acesso em: 20 dez. 2023.



Observe-se que Sorocaba é uma cidade bastante dividida territorialmente segundo o critério de classe. Há regiões que reúnem população abastada economicamente e elas são claramente identificadas territorialmente, como os bairros periféricos, compartilhando espaços com lojas e grandes indústrias. Contudo, é na Zona Norte que se encontram as maiores concentrações desses bairros que concentram a pobreza.

**Mapa 1 - Número de famílias em pobreza e extrema pobreza – Sorocaba 2021**

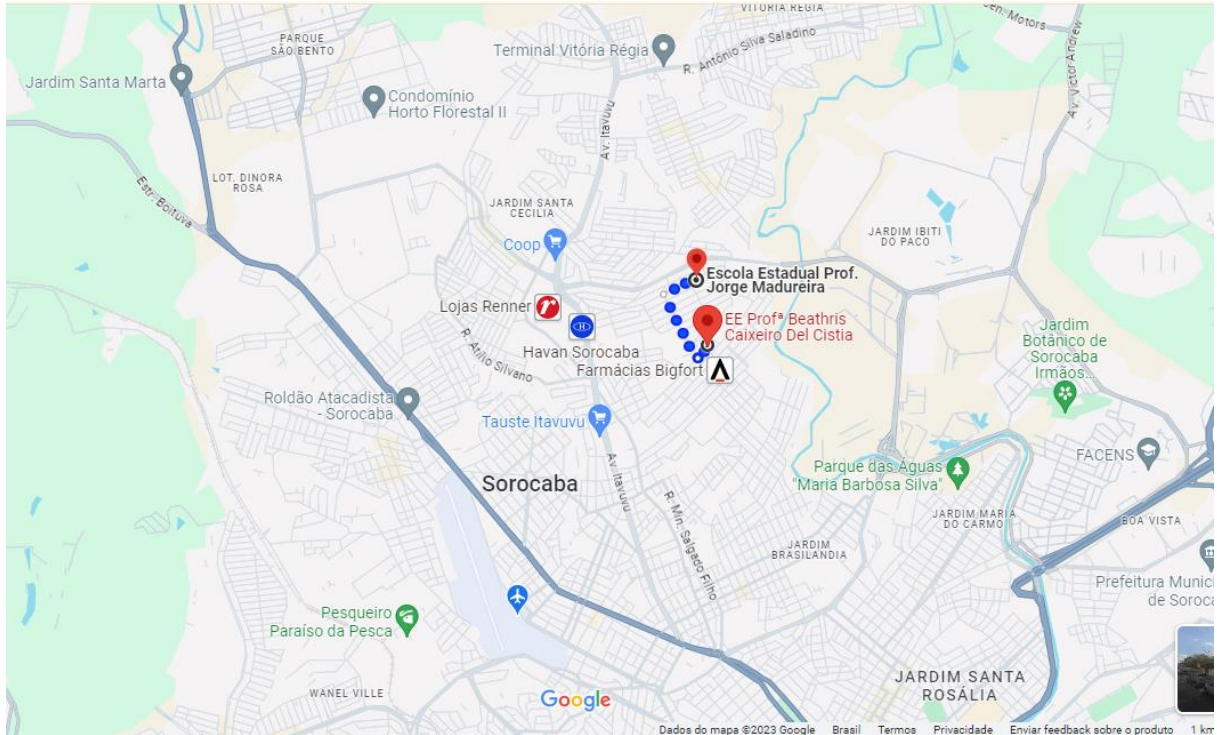


Fonte: Captura de tela da Secretaria Desenvolvimento Social – SP<sup>4</sup>

Importa explicitar a localização das escolas no território do Município de Sorocaba.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/wp-content/uploads/2023/06/drads-sorocaba-2021.pdf> Acesso em: 28 dez. 2013.

**Mapa 2 - Localização das escolas Escola Estadual Profª Beathris Caixeiro Del Cistia e Escola Estadual Prof. Jorge Madureira.**



Fonte: captura de tela do Google Maps.

No dia 18 de novembro, com escolas na cidade de São Paulo já ocupadas (Campos; Medeiros; Ribeiro, 2016), foi a vez de secundaristas sorocabanos ocuparem suas escolas, sendo a primeira delas a Escola Estadual Lauro Sanches, localizada na Vila Carol, Zona Norte de Sorocaba (Jornal da Zona Norte, 2015). No dia seguinte, houve o maior ato na cidade, que contou com a participação de mais de 600 estudantes de diferentes zonas da cidade (G1, 2015c).

**Foto 2** - Estudantes na frente à primeira escola ocupada, E. E. Lauro Sanches, durante a manifestação do dia 19 de novembro de 2015



Fonte: captura de imagem do vídeo do Globoplay, 2015<sup>5</sup>.

O ato se iniciou de manhã, com os próprios manifestantes chamando os demais alunos(as) na hora da entrada da escola para que, em uma caminhada conjunta, se encontrassem em um ponto de referência local, na Avenida Itavuvu, uma das principais avenidas da Zona Norte, que interliga os bairros da região. Lá, os(as) manifestantes de outras escolas da região já estavam parando o trânsito. O percurso desse ato em específico não estava definido para todos os secundaristas; conforme a passeata ia caminhando sentido Centro, alunos(as) de outras escolas iam se agregando à multidão, que gritava e cantava pelo fim da reorganização. Ao chegar na frente da primeira escola ocupada, Lauro Sanches, os(as) ocupantes disseram palavras de ordem para os demais alunos (as) que estavam participando do ato e pediram apoio para permanecerem em ocupação.

A multidão caminhou até a Delegacia de Ensino de Sorocaba, localizada ao lado de uma das escolas centrais da cidade, a E. E. Antônio Padilha, e foi nesse momento que os (as) manifestantes entraram na Delegacia e tiveram acesso à escola, com estudantes em sala de aula. Houve, então, uma grande confusão, que

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4619871/> Acesso em: 20 dez. 2023.

se iniciou devido aos(as) jovens estarem correndo pelos corredores da escola e a polícia tentando retirar os(as) manifestantes. Houve disparos de bombas de fumaça e levou um tempo para que a agitação fosse dispersada e as pessoas saíssem das escolas.

**Foto 3** - Manifestantes no pátio da escola E. E. Antonio Padilha



Fonte: Página do Facebook do Levante Popular da Juventude<sup>6</sup>

Depois dessa manifestação, os(as) secundaristas, movimentos sociais como o Levante Popular da Juventude e a União da Juventude Socialista, junto com militantes autônomos(as), estavam se organizando para ocupar as escolas da região. As reuniões eram marcadas em lugares de fácil acesso para todos(as); o local que ficou mais conhecido para esses encontros foi a Praça da Formosa, também conhecida como Abaitezinho. Nela foram realizadas votações para decidir qual melhor decisão tomar em determinados momentos, como por exemplo, as atividades que seriam realizadas dentro das ocupações, manutenção da escola, possíveis confrontos com a polícia, entre outros. Espaços de formação também foram organizados naquela oportunidade, como por exemplo, rodas de conversas com militantes da zona norte de Sorocaba, mais especificamente com o pessoal da

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.762495383861976&type=3> Acesso em: 20 dez. 2023.

rádio e da biblioteca comunitária do bairro Laranjeiras; Saraus e batalhas de rimas também foram realizados, com o intuito não só de conscientizar aqueles(as) presentes, mas “disfarçar” as estratégias de ocupações que ali estavam sendo traçadas, já que era de conhecimento que os governos do Estado e município, sabendo dos planos de ocupações, haviam intensificado as rondas policiais nessas regiões e todos(as) tinham medo de possíveis repressões.

Na madrugada do dia 23 de novembro foi ocupada a primeira escola na periferia de Sorocaba (G1, 2015d), a E. E. Professora Beathris Caixeiro Del Cistia, localizada no bairro Jardim São Conrado, contando com a ajuda de cerca de três alunos da escola e três militantes autônomos(as) em relação àquela escola. Ela teve os cadeados trocados e, ao chegarem os(as) professores(as) e os(as) alunos(as), eles(as) eram informados(as) que haveria uma assembleia entre os(as) estudantes que estivessem dispostos ao diálogo para informar como funcionaria a nova rotina da escola. Muitos pais e responsáveis foram até a escola, onde estudantes de escolas próximas se aglomeravam para saber o que seria decidido entre os demais alunos(as). Após algum tempo, ainda no turno da manhã, foi estendida uma grande faixa na frente da escola com a frase: “#Não a Reorganização”, como confirmação que a escola permaneceria ocupada. Em seguida, os(as) estudantes da E. E. Jorge Madureira (Jardim Guaíba) foram em passeata até a escola onde, após uma longa conversa entre manifestantes e diretora, foi ocupada por mais de 20 alunos(as), que permaneceram até o fim das ocupações. (Documentário escola estadual: ocupada!, 2015)

**Foto 4** - Manhã da ocupação da escola E. E. Professora Beathris Caixeiro Del Cistia



Fonte: G1, 2015d.

Nesse mesmo dia, outras quatro escolas foram ocupadas na região: E. E. Antônio Vieira Campos (Júlio de Mesquita - Zona Oeste); E. E. Hélio Del Cistia (Jardim São Camilo – Zona Norte); E. E. Humberto de Campos (Zona Oeste); e a Escola Estadual Júlio Prestes de Albuquerque, mais conhecida como "Estadão" (Centro). (Jornal Cruzeiro do Sul, 2015)

Grande parte desse processo de ocupação das escolas em São Paulo e em outros Estados brasileiros pode ser conhecido com a leitura do livro “O movimento de ocupações estudantis no Brasil” (Costa; Groppo, 2018), onde é possível observar a história do movimento desde 1995, os impactos dos governos na luta por uma educação de qualidade para todos(as) e os levantes que houve para barrar projetos de leis estaduais e nacionais entre os anos de 2015 e 2016. Foram de grande importância também as pesquisas na Internet sobre as ocupações na perspectiva de outros autores diversos (Piolli, Pereira; Mesko, 2016) para melhor entendimento do contexto político e social em que o Brasil estava quando surgiram as manifestações

de estudantes, que influenciaram o movimento de ocupação mesmo após tanto tempo.

De acordo com Paulo Arantes (2017), em uma entrevista presente no texto “Ocupar, resistir e a luta nas redes sociais”, de Silvio Carneiro, a principal luta dos(as) estudantes era não só para o não fechamento das escolas, mas também que elas se tornassem um espaço de trocas efetivas entre a comunidade, ainda ressalta que

[...] as ocupações foram o último recurso depois de uma série de tentativas de conversas boicotadas com as autoridades do Estado. A declaração na página do Facebook, dos ocupantes do EE Selma Maria Martins Cunha, parece central para compreender o movimento: “O intuito da ocupação não fechar a escola e impedir o acesso das pessoas [uma acusação recorrente das autoridades e da mídia], mas provar que os estudantes podem fazer uma escola melhor” (Campos; Medeiros; Ribeiro, 2016, p. 151).

A partir da leitura do livro “Escolas de Luta” (Campos; Medeiros; Ribeiro, 2016), no qual se relata como foram as ocupações das escolas de São Paulo em 2015, motivadas pelas lutas contra a “Reorganização Escolar” do governo paulista, foi possível observar as organizações das manifestações realizadas pelos secundaristas, para chamar atenção para o real motivo de toda essa luta: o sucateamento das escolas públicas, mas também da precarização do trabalho dos funcionários e da vida escolar dos (as) alunos(as).

O artigo denominado de “A proposta de reorganização escolar do governo paulista e o movimento estudantil secundarista” (Piolli, Pereira; Mesko, 2016), publicado na revista Crítica Educativa, também foi de grande importância para analisar o que já foi produzido sobre o assunto até então e sobre a presença da autogestão nas ocupações, junto com o livro “Pedagogia do Oprimido” (Freire, 1974), que dialoga sobre as novas maneiras de aprender e ensinar, que foram encontradas pelos alunos e alunas durante as ocupações e qual o papel do professor(a) diante dessa realidade.

#### **4. RELATOS E REFLEXÕES SOBRE AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS PÚBLICAS DA REGIÃO PERIFÉRICA DE SOROCABA/SP EM 2015**

As ocupações de escolas na periferia de Sorocaba podem ser divididas em dois grupos: as que foram planejadas entre os(as) estudantes e as que ocorreram como reflexo das demais ocupações. É possível de ser afirmado pelo formato que se deu muito da organização do dia a dia dos(as) estudantes dentro e fora das escolas e também pelos recursos utilizados para se manter dentro do ambiente com as necessidades básicas garantidas. Em escolas como E. E. Lauro Sanchez e E. E. Professora Beatriz Caixeiro de Del Cistia, foi possível observar o envolvimento de coletivos e o apoio de estudantes universitários(as); entretanto, na E. E. Jorge Madureira, os(as) estudantes obtiveram auxílio apenas dos(as) moradores(as) do bairro, sendo eles(as) familiares ou apenas militantes autônomos(as), que estavam acompanhando as manifestações.

Ainda diante dessa diversidade, podemos observar que as entrevistas que temos de pessoas que estiveram presentes nas ocupações e que abordam essa região, os relatos dos(as) ocupantes não são numerosos. De fato, o único localizado na pesquisa bibliográfica encontra-se no texto intitulado “As ocupações das escolas estaduais da região de Sorocaba/SP: falam os estudantes secundaristas” (Martins et alli, 2016). Diante disso, resolvi sintetizar parte da minha experiência dentro de todo período das ocupações, que passei diariamente contribuindo dentro da escola E. E. Jorge Madureira, com o intuito de narrar histórias que ainda não foram relatadas e que, eu penso, contribuíram de algum modo para o crescimento da luta do movimento estudantil.

Considerando o conceito de escrevivência elaborado pela Conceição Evaristo, que se define não só como a junção das palavras escrever e vivência, mas também deve ser entendido como a escrita a partir da vivência da coletividade e de sujeitos racializados(as) pertencentes ao local a ser descrito (Herminio, 2022), o presente texto elabora a narrativa dos fatos que aconteceram dentro das ocupações das escolas periféricas a partir do olhar de quem não só é ativista da educação, mas também moradora do bairro onde estava acontecendo esse movimento nas escolas.



**Foto 5 - Passeata até a E. E. Jorge Madureira para efetivar a ocupação**



Fonte: G1, 2015e.<sup>7</sup>

#### **4.1 Relatos sobre as ocupações de escolas públicas periféricas**

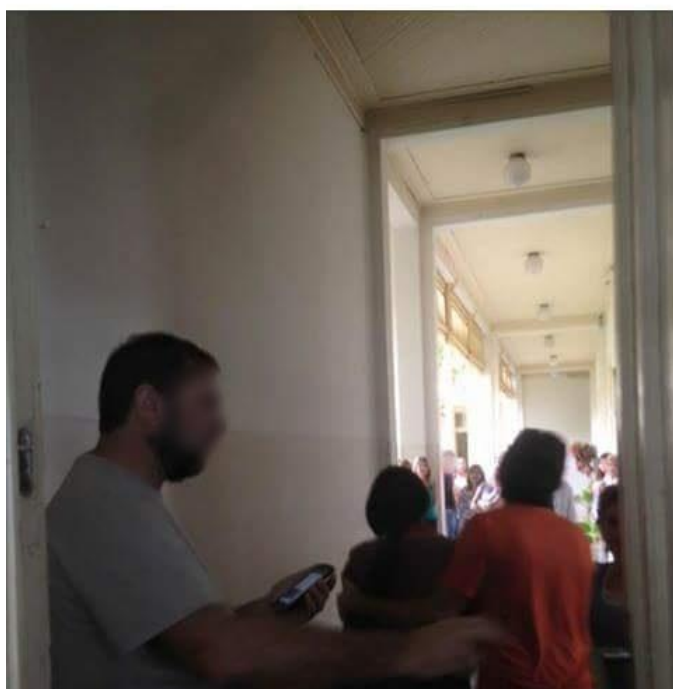
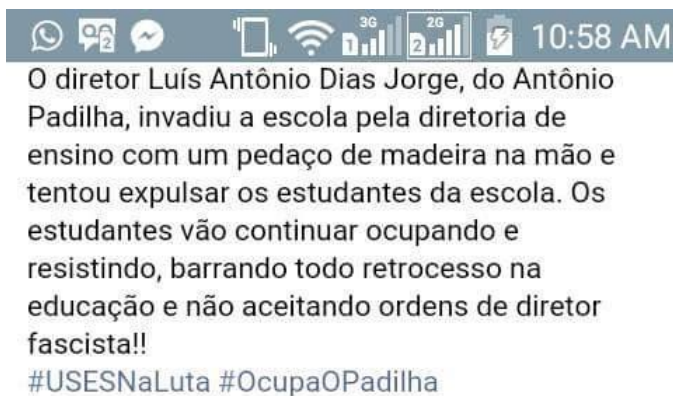
A escola E. E. Professora Beathris Caixeiro Del Cistia, localizada no Jardim São Conrado, foi ocupada cinco dias depois que a E. E. Lauro Sanches já tinha aderido o movimento contra as alterações causadas pela “reestruturação” de ensino. Na data, 23 de novembro de 2015, mais sete escolas foram ocupadas na cidade de forma simultânea, sendo elas: a E. E. Antônio Vieira Campos, no bairro Júlio de Mesquita, a E. E. Hélio Del Cistia, no Jardim São Camilo, a E. E. Mário Guilherme Notari, no Jardim Luciana Maria, a E. E. Professor Jorge Madureira, no Jardim Guaíba e a E. E. Humberto de Campos, no Jardim Humberto de Campos (G1, 2015e).

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2015/11/estudantes-ocupam-mais-escolas-estaduais-em-sorocaba.html>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Essa articulação toda se deu após o grande ato do dia 19 de novembro, de cujo encaminhamento resultou uma passeata pelas ruas, que realizou o trajeto de cerca de 5 km, saindo da Avenida Itavuvu, zona norte da cidade, caminhando até o prédio onde ficava localizada a Secretária de Ensino, no centro da cidade, com estudantes de diversas escolas da cidade e outros(as) manifestantes de movimentos sociais e partidos políticos. Esse ato foi finalizado com os(as) participantes entrando na escola que fica ao lado da secretária, E. E. Antonio Padilha, onde ocorreu uma confusão devido a tentativa de conter os(as) manifestantes que se espalhavam pelos corredores, chamando alunos e alunas para se unir à manifestação. Com a ocupação do prédio dias depois o diretor ameaçou os estudantes de diferentes formas, desde ameaças verbais sobre não só reprovar, mas também expulsar quem estava participando até mesmo com violência física, fazendo com que todos ficassem tensos dentro e fora do prédio.

**Foto 6** – Captura de tela enviada nos grupos das ocupações



Fonte: Mural do evento no Facebook para o ato do dia 23 de novembro de 2015<sup>8</sup>

Depois do ato, a comunicação entre representantes de cada instituição de ensino se deu também através de grupos do Whatsapp, por onde foi possível organizar de forma segura e sigilosa quem faria cada atividade necessária à ocupação, pois havia uma grande preocupação com a possível repressão vinda dos(as) diretores e até mesmo da polícia. Conforme afirma Carneiro,

[...] tendo em conta o cenário opressor e de vigilância das escolas – estes seriam meios de comunicação importantes em uma instituição avessa à assembleias, grêmios estudantis, conselhos de escola de fato etc. Meios de

---

<sup>8</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=776503882456195&set=gm.841514219299980> Acesso em: 21 dez. 2023.

comunicação subterrâneos em uma instituição contrária a comunicados que não venham das instâncias do poder oficial, bem como esvaziada de espaços públicos de decisão. Enfim, uma escola em que espaços democráticos são dissolvidos no rito burocrático das instituições. É contra essa escola que os estudantes investem suas forças e, não à toa, multiplicam nos aplicativos e nas redes sociais suas demandas e, nesse meio, organizam suas batalhas para fazer da escola algo melhor, ou seja, democrática. (Carneiro, 2017, p. 04).

As articulações para ocupar as escolas das periferias da cidade ocorreram de forma autônoma pelos movimentos sociais. Os(As) estudantes haviam adotado essa postura como a única solução para fazer com que a sociedade enxergasse a gravidade das mudanças propostas na PEC 241/2016 e os impactos que iriam ocorrer também nos bairros. O próximo tópico tratará disso a partir dos relatos das duas escolas ocupadas pela autora.

#### **4.1.1 E. E. Professora Beathris Caixeiro Del Cistia**

A decisão de ocupar a escola foi tomada em uma reunião no domingo, dia 22 de novembro, no Parque da Formosa, localizado a poucos minutos da instituição construída na rua Artur Cagliari, 1205 no Jardim São Conrado. Cerca de dez estudantes estavam presentes, sendo a maioria dessa escola, e decidiram que era necessário aderir à ocupação para que fosse obtido algum resultado. Então, ficou acordado que eu, por morar próximo da escola, um(a) dos(as) estudantes que estava à frente de toda movimentação na cidade e um(a) outro(a) militante estaríamos às 5 horas da manhã na frente da escola, para garantir que ocupação fosse efetivada.

Tudo saiu como o planejado e logo os(as) estudantes que não sabiam o que iria acontecer naquela manhã foram chegando para entrar na escola. Em um primeiro momento, houve pequenas discussões, pois nem todos(as) concordavam, mas já estava prevista uma assembleia geral somente com os alunos e alunas da escola para decidir se iria ou não continuar com o prédio ocupado. Alguns(mas) professores(as) estavam apoiando o movimento e outros(as) nem tanto; porém, não houve conflitos com a gestão ou algo do tipo, possibilitando uma autonomia para organizarem a escola e as atividades de forma democrática entre os(as) envolvidos(as) no processo de ocupação.

**Foto 7** - Carrinhos com alimentos arrecadados na vizinhança



Fonte: Mural do evento no Facebook para o ato do dia 23 de novembro de 2015<sup>9</sup>

A ocupação contou com o apoio da comunidade na arrecadação de alimentos e também nas atividades diárias. Havia momentos em que se pode contar com os pais e/ou responsáveis dentro da escola, aulas com universitários(as), dinâmicas e oficinas organizadas por artistas da cidade. Mas é válido ressaltar que os(as) próprios(as) alunos(as) organizaram muitas atividades entre eles mesmos, como o interclasse<sup>10</sup>, que não deixou de acontecer devido às ocupações. Então, os jogos de futebol alegravam a rotina dos(as) envolvidos(as) e trazia para mais perto aqueles(as) que, por motivos diversos, não estavam participando ativamente das ocupações. Muitos(as) jovens já trabalhavam e não podiam estar dentro da escola; outros(as) não participavam do dia-a-dia da ocupação na escola porque os pais e/ou responsáveis não permitiam.

---

<sup>9</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1523225774662045&set=pcb.841082572676478>. Acesso em: 20 dez. 2023.

<sup>10</sup> Os jogos interclasses são um evento organizado e promovido na escola com o objetivo de realizar práticas esportivas entre as turmas e séries. Na E. E. Professora Beathris Caixeiro Del Cistia aconteceu apenas com jogos de futebol de quadra entre estudantes que estavam dentro e fora da ocupação.

Contudo, durante o interclasse foi um período de bastante movimento na escola, sendo possível que todos(as) conhecessem como estava ocorrendo a rotina e a luta para que as escolas não fossem fechadas.

**Foto 8 – Interclasse na quadra escola**



Fonte: Mural do evento no Facebook para o ato do dia 23 de novembro de 2015<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Disponível em:  
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1523566737961282&set=pcb.841407299310672> Acesso em:  
21 dez. 2023.

**Foto 9** – Os(As) estudantes tiveram aulas ministradas de direito constitucional por universitários(as)



Fonte: Mural do evento no Facebook para o ato do dia 23 de novembro de 2015<sup>12</sup>

Dada a organização e o bom encaminhamento da ocupação na escola Beatriz, ela se tornou exemplo para as demais ocupações do bairro e os(as) estudantes sempre estavam dispostos a colaborar com a organização das outras escolas, repassando o que tinha sido aprendido nas atividades e dinâmicas, dividindo alimentos e cobertores através das visitas que ocorriam cerca de duas vezes por semana.

---

<sup>12</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1524334477884508&set=pcb.842394605878608> Acesso em: 20 dez. 2023.

#### 4.1.2 E. E. Professor Jorge Madureira

Em 2015, a escola atendia estudantes do ensino fundamental e médio em todos os períodos, sendo à noite a maior concentração dos(as) jovens dos três últimos anos do ensino médio. Fica localizada na rua Geraldo Ribeiro Duarte, nº 736, no Parque das Laranjeiras, cerca de 20 minutos andando da primeira escola ocupada na manhã do dia 23 de novembro comentada acima, E. E. Professora Beatriz Caixeiro de Del Cistia.

É importante ressaltar que a ideia de ocupar a escola Professor Jorge Madureira se deu enquanto estávamos ainda no processo de ocupação da E. E. Professora Beatriz Caixeiro de Del Cistia, sendo sugerido pelos(as) estudantes uma caminhada como forma de seguirem protestando até a escola mais próxima, para que já chegássemos com um número grande de apoiadores(as). Ao chegar na escola Jorge Madureira, eu fui uma das manifestantes que foi dialogar com a diretora e os(as) professores(as), que em um primeiro momento se recusaram a sair da secretaria. Comigo estavam mais dois alunos da escola, que já temiam as possíveis repressões futuras, e outro(a) militante autônomo(a), que estava participando do movimento desde as primeiras manifestações. Após muito diálogo, professores(as) e a gestão deixaram a escola apenas com duas salas abertas e desmotivando quem aguardavam no lado de fora com dizeres como “Isso não vai dar em nada”.

No primeiro dia, tínhamos barracas e poucas salas abertas na escola. De uma fizemos de cozinha e da outra dormitório dos(as) estudantes. Eu e o Fulano<sup>13</sup> ficamos acampados em uma barraca no pátio, onde também estavam outros(as) militantes da União da Juventude Socialista (UJS) e do Levante Popular da Juventude. Alguns alunos(as) queriam ficar acordados(as), pois todos temiam a segurança dos(as) colegas, mas não esperávamos que os ataques começaram de dentro para fora. Cabe dizer isso porque, na minha primeira noite na escola, eu tive meu corpo violado enquanto dormia por parte do militante da UJS. A princípio, minha reação foi só me retirar da barraca e garantir que ele não tivesse contato com as estudantes; porém, devido ao choque e à mistura de sentimentos, foi necessário pedir auxílio ao Fulano, que prontamente colocou o indivíduo para fora da escola.

---

<sup>13</sup> Em função dos preceitos éticos da pesquisa científica, essa pessoa será tratada como “Fulano”, para lhe manter no anonimato.



Vale ressaltar que, em um primeiro momento, pensei em não contar para os ocupas<sup>14</sup>, pois temia a reação deles(as), dos pais e/ou responsáveis, e principalmente da mídia diante disso. Contudo, mesmo com pouco tempo de convívio, perceberam que algo em mim estava diferente; então, contamos sem muitos detalhes e o resultado foi a nossa primeira assembleia, onde foi deliberado que movimentos sociais não poderiam passar a noite dentro da escola e que os militantes desse coletivo não poderiam mais estar presente. Além disso, ficou decidido que faríamos circular o nome do assediador entre outras ocupações para que ficassem em alerta e ainda que toda ajuda dos(as) moradores locais seriam bem-vinda para fortalecimento da ocupação.

Com o passar de dias e dias de comunicações entre as escolas, a história referente ao assédio tomou outras proporções. A inspetora da escola, que morava no quintal da escola, começou a fazer ameaças aos estudantes, alegando que se não saíssemos da escola iria ligar para polícia e denunciar que um aluno estava violentando as garotas da ocupação. É importante frisar que a escola está localizada no meio de uma periferia, com diversos pontos de venda de drogas e onde a “lei funciona de outra forma”; então, recebemos visitas de outros(as) moradores(as) com facas e que queriam verificar o que estava acontecendo, pois estupradores naquele território tem um final bem mais trágico que ir para reclusão.

Esse foi um dos momentos mais atípicos da ocupação, gerando um codinome para os ocupas, porque quando fomos perguntar para inspetora que aluno estava cometendo essa violência, já que ela havia informado que sabia nome e até mesmo a sala do estudante, ela alegou com convicção que era o “Jereziel”, mesmo sabendo que não existiu nenhum estudante com esse nome dentro da ocupação, nem mesmo matriculado na escola de acordo com os(as) estudantes. Recolhemos as informações e, em assembleia, discutimos o que faríamos frente a essa denúncia, pois apesar de saber que a situação não tinha se dado dessa forma, não podíamos deixar que houvesse conflitos entre os(as) ocupantes e os(as) moradores, muito menos envolver a polícia para que não houvesse ainda mais confusão no bairro. Foi decidido, então, que em um primeiro momento não falaríamos mais sobre o assunto, apenas publicar um vídeo no Facebook, alegando que a história que estava

---

<sup>14</sup> Termo utilizado pelo Luiz Antonio Groppo e equipe na pesquisa denominada “Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: formação e auto-formação das/dos ocupas como sujeitos políticos” (2018) para se referir aos(às) estudantes que participaram das ocupações secundaristas.

circulando entre a comunidade escolar estava equivocada, até porque eu não era aluna da escola. Então, apesar de ter sim ocorrido esse episódio de violência, não era com uma estudante de lá; evitamos contato com a inspetora e, por uma questão de segurança e acolhimento frente às acusações indevidas, todos(as) iriam atender pelo nome “Jereziel”, sendo essa uma das frases que ficaram penduradas do lado de fora da escola, conforme mostra a foto abaixo. Dentro desse contexto, também foi decidido que eu não andaria sozinha pela região, devido ao receio de alguma perseguição por parte do coletivo ao qual o agressor pertencia ou algo do tipo.

**Foto 10** - Faixa que ficava pendurada ao lado de fora da ocupação



Fonte: arquivo pessoal da autora.

O medo de uma invasão policial ou qualquer forma de depredação do prédio era sempre uma pauta das nossas conversas. Desde o primeiro dia de ocupação, ficou estabelecido que as equipes de segurança seriam responsáveis por olhar ao redor da escola para saber como estava “o movimento” e assegurar que as salas que estavam fechadas não seriam violadas. Uma das alternativas tomadas pelos(as) estudantes foi fazer barreiras com as mesas e madeiras (cf. foto abaixo) nas salas onde tinham mais aparelhos eletrônicos, como na secretaria e sala de informática,

como também uma barreira no acesso direto à casa da inspetora, para evitar que ela entrasse sem avisar ou algo do tipo.

**Foto 11** - Porta da secretária da escola com barricadas



Fonte: arquivo pessoal da autora.

A comunidade escolar, que já estava fortalecendo a ocupação com doação de comida e itens de higiene, disponibilizou ainda um fogão e botijão de gás. Uma vez que a direção da escola não liberou para os(as) ocupantes a chave da cozinha, vizinhos(as) e conhecidos(as) dos(as) participantes se colocaram à disposição para auxiliar no preparo das refeições e nas atividades que estavam sendo planejadas. No almoço, o ciclo de organização se repetia com o auxílio do Beltrano<sup>15</sup>, um morador da região que sempre ia colaborar com as refeições que exigiam maior atenção devido ao manuseio do fogão e facas.

---

<sup>15</sup> Em função dos preceitos éticos da pesquisa científica, essa pessoa será tratada como “Beltrano”, para lhe manter no anonimato.

**Foto 12** - Hora do almoço na ocupação



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Os dias na ocupação passavam de forma lenta, apesar de a rotina ser atravessada pela dinâmica de problemas de convivência, notícias sobre as outras escolas, particularmente as ocupadas, e sobre o posicionamento do governo em relação à pauta de reivindicações do movimento secundarista.

As atividades eram organizadas pelos(as) próprios(as) estudantes. Havíamos nos dividido em grupos de 4 a 5 pessoas e feito entre nós acordos referentes à limpeza, à organização da alimentação e à segurança. Até mesmo alguns reparos foram feitos pelos(as) ocupantes em portas dos banheiros masculinos e nas luzes do pátio.

Em alguns momentos, confeccionamos em pequenos grupos bonecas Abayomi com tecidos que eu utilizava como lenço e turbante em meio uma conversa, porque na minha mochila tinha muitos chaveiros com as bonecas e isso despertou a curiosidade de algumas alunas. Fazia pouco tempo que eu conhecia a lenda das bonecas Abayomi, que narra a sua origem a partir de panos rasgados pelas mulheres escravizadas dentro do navio negreiro como forma de acalmar as crianças ali presentes. Entretanto, anos depois, conheci a história de sua criadora, a

artesã Lena Martins<sup>16</sup>, que iniciou a confecção das bonecas na década de 1980 com o objetivo de dar finalidade aos retalhos de suas costuras e proporcionar brinquedos para as crianças da periferia onde residia. É importante frisar que mesmo na narrativa da lenda, que aborda o assunto de forma equivocada, o debate sobre a representatividade na hora de brincar se fez presente nos momentos de elaboração da boneca dentro da ocupação. Poucas estudantes haviam tido contato com brinquedos pretos durante a infância, tanto por falta de interesse, uma vez que a maioria das estudantes presentes não eram negras e também pela falta de recursos para adquirir brinquedos, que são vendidos em um valor acima dos demais. Criar sua própria boneca deu luz a discussões sobre porque a ausência de brinquedos não brancos não é discutida dentro da escola, assim como a falta de representatividade nas mídias e nos conteúdos didáticos.

**Foto 13** - Boneca Abayomi que usava como chaveiro durante as ocupações.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

---

<sup>16</sup> Waldilena Serra Martins, mais conhecida como Lena Martins, artesã e militante do Movimento de Mulheres Negras que criou as bonecas Abayom em 1987 e levou para encontros e oficinas no Rio de Janeiro, promovendo a reflexão sobre a representatividade na hora de brincar e a reutilização de materiais como retalhos de tecidos. Para saber mais: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/75745>.

Meu conhecimento era socializado de modo descontraído. A maioria das conversas era sobre identidade de gênero, orientação sexual, feminismo, machismo, racismo. E tudo acontecia em formato de roda, no período da manhã, quando as atividades de limpeza já haviam terminado. As conversas se iniciavam como dúvidas referentes a termos e discussões que eram vistos como algo preconceituoso, como por exemplo, o *bulliyng* vivenciado por um dos estudantes que é negro e gay. Ele relatou diversas vezes que se sentia excluído do restante da sua turma e ouvia comentários homofóbicos por pintar as unhas.

A maioria dos(as) estudantes não tinha contato com a diversidade sexual dentro da escola e não refletia sobre os comentários ofensivos que acabavam reproduzindo ao se deparar com alguém não hetéro. Ao me apresentar como mulher bissexual, muito deles me perguntavam coisas como “você fica com homem e mulher ao mesmo tempo?”; “Você acha isso certo?”; “Sua família sabe que você é assim?”; “Você só beija mulheres no “rolê”?”; entre outras perguntas que eram feitas até quando eles compreenderam de uma melhor forma que não existe um jeito certo ou errado de se relacionar, mas sim o que é imposto pela sociedade como algo normal/tradicional e que não devemos realizar comentários ofensivos sobre a orientação sexual dos(as) outros(as).

O pano de fundo das conversas acabava sendo o machismo, pois a maioria dos preconceitos tinha fundamento na ideia da sociedade patriarcal fazendo com que a todo o momento fosse necessário reforçar coisas “básicas” do movimento feminista, como a importância da divisão da limpeza e manutenção da ocupação ser um trabalho de todos, não só das meninas, principalmente dos banheiros e da preparação das comidas, como também a necessidade de respeitar a vez das estudantes se posicionarem nas assembleias, escutarem as músicas de sua preferência no rádio geral e até mesmo de jogar futebol em times mistos nos momentos de lazer.

A questão racial era algo pautado a cada segundo, devido às inúmeras dúvidas referentes ao meu cabelo: “Como lava?”; “Você penteia?”; “Por que usa lenço?”; “O que é turbante?”; “Você faz voodoo?”. Essa última pergunta, em específico, aconteceu nas primeiras conversas devido ao fato de que eu trazia não só as bonecas Abayomi enfeitando minha bolsa, mas também guias no pescoço.

Isso porque eu tinha acabado de adentrar à Umbanda, uma religião de origem afro brasileira e por isso estava usando colares coloridos, que nessa tradição religiosa chamamos de guia. Elas servem como uma proteção e não podem ser retiradas dependendo do procedimento espiritual que está sendo realizado. Na minha escola, eu já sofria com opressões e comentários maldosos referentes à minha religião, mas na ocupação havia um ambiente em que eu pude dialogar de forma mais aberta e respeitosa sobre o que era cada coisa e o que elas representavam. Em relação às bonecas, como dito acima, também foi uma “ferramenta” para dialogar sobre outros assuntos com os(as) ocupa, criar memórias afetivas com eles(as) e produzir aprendizados coletivos.

Na dinâmica da ocupação, eu me colocava à disposição para esse tipo de atividade, pois no período das ocupações, eu já tinha passado por um coletivo feminista da cidade e estava me aprofundando nos estudos sobre relações étnico-raciais, devido ao contato com o movimento negro. Outro assunto que também conversava com os(as) ocupa era sobre as universidades públicas e os caminhos que poderiam ser percorridos para alcançar uma boa nota nos vestibulares, como por exemplo, a participação em cursinhos populares como a Rede Emancipa – Salvadora Lopes, o qual eu já frequentava na época e desde 2014.

**Foto 14** - Roda de conversa no pátio da escola



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Houve também momentos em que fazíamos “batalhas de rimas”<sup>17</sup> e conversamos bastante sobre a importância do movimento de ocupação, bem como o quanto isso tudo caminhava ao encontro da filosofia ensinada através das narrativas presentes nas músicas dos(as) artistas que eram tão escutados dentro da escola naquele momento, como por exemplo Racionais MC com a música “Da ponte pra cá” (2002), onde eles frisam que “[...] não adianta querer, tem que ser, tem que pá, o mundo é diferente da ponte pra cá, não adianta querer ser, tem que ter pra trocar”. Falávamos sobre as diferenças visíveis no envolvimento dos coletivos e universidades com as escolas que ficavam do outro lado da ponte que divide os bairros São Conrado e o Guaíba, as atividades articuladas por eles, que iam até a escola E. E. que fica no limite da ponte. Já a ocupação da E. E. Professor Jorge Madureira, foi beneficiada apenas com as ações de solidariedade desenvolvidas pela própria comunidade, como dito acima.

Recordo-me com muito afeto de ouvir também o álbum *Convoque Seu Buda* (2014), do Criolo, diariamente no período da manhã, assim que todos(as) já haviam acordado. Era como um ritual: acordar, ajudar na preparação do café e do leite com achocolatado, divisão das bolachas; cada um ia pegando e se ajeitando para comer; depois, havia a organização da cozinha e o aparelho de som já começava a tocar canções que se tornaram hino dessa luta como a música *Baile de Favela*, do MC João, em sua versão original e também a adaptação feita para as manifestações de rua e que ia atualizando de acordo com as novas escolas ocupadas na cidade:

“O governo veio quente

Nós já tá fervendo

Quer desafiar?

Não tô entendendo

Mexeu com estudante

Você vai sair perdendo!

Lauro Sanches

---

<sup>17</sup> As Batalhas Culturais de Rima são eventos culturais que acontecem em praças, pistas de skate, locais privados e espaços públicos dos municípios. Trata-se de uma disputa de versos, onde os “MC’s” (mestres de cerimônia) se enfrentam. Quem executa os melhores versos, contando com apoio e votação da torcida, vence. (Assembleia Legislativa do Paraná, 2023)



É escola de luta!  
Beatris Caixeiro  
É escola de luta!  
Jorge Madureira  
Hélio Del Cistia  
É escola de luta!  
Humberto de Campos  
É escola de luta! ...”

Recebemos poucas visitas de pessoas externas, mas a dinâmica de contos e cantorias em rodas de verso com a Fulana foi um momento que eu considero de grande importância para os(as) estudantes se distraírem da rotina, que já estava se tornando cansativa. A presença do tapete gerou aproximação entre eles(as): estudantes e contadora de história.

**Foto 15** - Contos e cantorias em roda de verso com a convidada



Fonte: arquivo pessoal da autora.

A contadora de história já tinha passado por outras ocupações do bairro e compartilhou como estava sendo rico essa experiência para a carreira dela. Além disso, informou também que esse processo parecia estar funcionando, dentro das escolas ocupadas, como uma válvula de escape diante das preocupações com o decorrer das ocupações, com as decisões que o governo iria tomar frente à pressão dos movimentos sociais e estudantis.

No dia 26 de novembro já havia sido emitido uma ordem para desocupação das escolas por meio de uma liminar da Fazenda do Estado (Jornal Cruzeiro do Sul, 2015), porém as duas escolas citadas acima desocuparam na semana seguinte, sendo um processo com muitas assembleias, pois nem todos concordavam com essa ação apesar da reforma ter sido adiada, as conversas sobre as consequências das ocupações era algo recorrente nessa semana, assim como a minha preocupação com os meus estudos e a possível reprovação devido as ameaças feitas pelo diretor da Escola Francisco Eufrasio Monteiro, localizada na zona leste da cidade, onde estava realizando meu terceiro ano do ensino médio integrado ao técnico de logística, em uma conversa ele frisou que me reprovava se eu fosse as aulas para induzir os estudantes a ocupar também aquela escola, então apenas parei de frequentar sendo um processo triste, pois ainda queria me despedir dos meus colegas que me acompanharam durante os anos finais da escola e finalizar meu trabalho de conclusão de curso obrigatório devido ao técnico. No dia 01 de dezembro foi um dos dias mais emocionantes na ocupação, pois os estudantes haviam organizado uma festa surpresa como uma forma de agradecer pelos dias que passamos juntos e com apoio deles consegui me organizar emocionalmente para apresentar meu trabalho de conclusão de curso do técnico enquanto eles organizavam para desocupar a escola.

Foto 16 – Festa surpresa na ocupação 01 de dezembro de 2015.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

**Foto 17** – Caixa de água da E. E. Professor Jorge Madureira durante as ocupações



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Diante dos dias vivenciados dentro da escola, foi possível observar o processo inicial de formação de muitos(as) estudantes, que seguem dentro da militância e também daqueles(as) que se frustraram com o que ocorre dentro dos movimentos sociais. Foi de extrema importância refletir sobre esses momentos e os impactos políticos, éticos e educacionais em minha formação como indivíduo e profissional.

No próximo item deste TCC, irei analisar cada um desses aspectos a partir de um olhar que se quer crítico e elaborar reflexões sobre as conquistas alcançadas diante do movimento dos(as) jovens periféricos(as) no processo de ocupação das escolas.

## **4.2 Reflexões sobre desafios enfrentados e os resultados alcançados com o movimento de ocupação de escolas públicas periféricas de Sorocaba/SP em 2015**

A primavera secundarista foi o início de uma jornada dentro do movimento estudantil e a oportunidade de olhar para a escola com esperança de poder mudar o que aprendemos e a forma pela qual aprendemos, até porque é nela que passamos grande parte das nossas vidas. Desse movimento surge a vontade de estar em sala de aula impulsionando estudantes a lutarem por uma educação melhor, acolhedora e humana, mas para que isso de fato ocorresse foi necessário afastar-me da luta para me recuperar de todas as violências vividas durante esse processo entre finalizar as ocupações e seguir participando das manifestações que continuaram ocorrendo na cidade e contavam com o apoio dos secundaristas. Com isso, eu acompanhava a responsabilidade de mobilizar, acompanhar e cuidar dos jovens que estavam se inserindo na vida de militante e suas consequências.

As ocupações em Sorocaba acabaram diante do adiamento da reforma e cada escola foi desocupada de acordo com as decisões estabelecidas em assembleias internas, apesar de muitos ainda sentirem que não era a hora de dar esse passo grande. Parte dos(as) ocupas da E. E. Profº Jorge Madureira, por exemplo, já estavam querendo partir para outras lutas, por que já havia comentários sobre o aumento do passe na cidade. Isso era entendido como briga pra “gente grande”, como muitos(as) falavam, pois acreditavam que essa causa mobilizaria mais pessoas e os resultados seriam mais evidentes para a população sorocabana. Então, assim que as ocupações se encerraram, seguimos nos encontramos para organizar a participação do nosso “Grupo de apoio Jerezieis” no ato que iria acontecer no centro da cidade.

Hoje consigo observar que as ocupações renderam sementes para luta pela cidade como um todo, mas infelizmente os movimentos sociais já existentes não conseguiram dar os “nutrientes” necessários para esses(as) jovens florescerem mais de uma vez, visto que os(as) estudantes periféricos não se sentiam acolhidos(as) nem representados(as) pelo o que viam nas reuniões desses movimentos e se propunham a se organizar de outra forma, que muitas vezes eram chamadas de extremistas. De acordo com Melucci (1989),

O surgimento destes conceitos indica que os movimentos sociais estão mudando suas formas organizacionais, que estão se tornando completamente diferentes das organizações políticas tradicionais. Além disso, eles estão adquirindo autonomia crescente em relação aos sistemas políticos; como um subsistema específico, criou-se um espaço próprio para a ação coletiva nas sociedades complexas. Ele se torna o ponto de convergência de formas de comportamento diferentes que o sistema não pode integrar (incluindo não só orientações conflitantes, mas também comportamento desviante, inovação cultural etc). (Melucci,1989, p. 60-61)

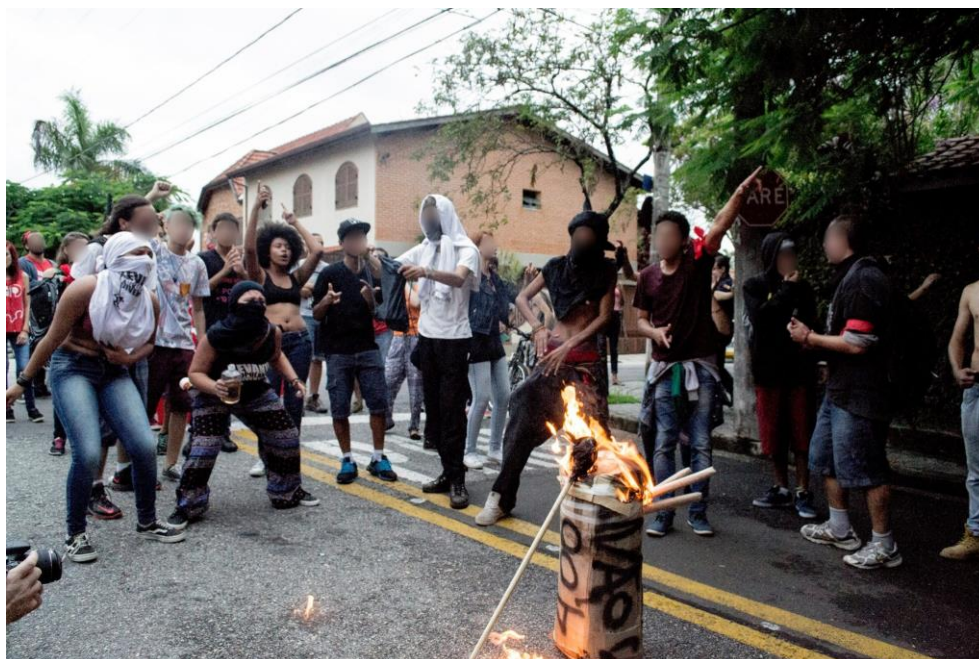
Diante dos novos(as) militantes, que reivindicavam o direito de opinar sobre os temas em pauta e de ter ações para conscientizar a periferia dos aumentos da passagem de ônibus, pois os(as) moradores(as) de lá eram os(as) mais afetados(as), sugeriam mudanças no local das manifestações, uma vez que centro da cidade, às 18h, como eles mesmo diziam, “Só servia para atrapalhar trabalhador chegar em casa”. Além disso, eles(as) expunham a grande repulsa pela a ideia do uso recreativo de substâncias ilegais durante as reuniões para organização dos atos, daí que foi surgindo um grande incômodo com a atual esquerda da cidade, mesmo assim aceitaram unir forças e ir para a luta todos juntos mais uma vez; entretanto, com outros objetivos em mente.

No dia 11 de janeiro de 2015 foi realizado o primeiro ato contra o aumento da tarifa de ônibus na cidade (de R\$ 3,50 para R\$ 3,80). O objetivo era fazer uma passeata da Avenida Itavuvu, zona norte da cidade, até o terminal de ônibus de forma pacífica, apenas como um sinal de descontentamento com o governo do prefeito Antonio Carlos Pannunzio<sup>18</sup>. Porém, os(as) estudantes recém inseridos(as) nesse universo de atos políticos estavam enfurecidos(as) e tudo era motivo para grandes ações. Então, junto de outros(as) militantes do Levante Popular da Juventude, eles organizaram de forma sigilosa o ato até a frente da casa do prefeito, que fica localizada cerca de 15 minutos do ponto onde era para finalizar o ato, atiraram fogo em um boneco que representava o Chefe do Poder Executivo Municipal e, com a chegada da Polícia Militar, o grupo se dispersou e se reencontraram para organizar o que seria feito no segundo ato, que ocorreu no dia 13, dessa vez com o ponto de encontro no terminal de ônibus Santo Antônio, localizado na Avenida Afonso Vergueiro.

---

<sup>18</sup> Antonio Carlos Pannunzio foi prefeito da cidade de Sorocaba de 2013 até 2017 pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Nascido em São Paulo, é engenheiro metalúrgico e acumula a experiência de já ter sido prefeito de Sorocaba em 1989 e por ter cumprido quatro mandatos consecutivos como deputado federal. (G1, 2012f)

**Foto 18** – Manifestação na frente da casa do antigo prefeito Antônio Carlos Pannunzio.



Fonte: página do Facebook do Levante Popular da Juventude<sup>19</sup>

Ao dar a volta ao redor do terminal, houve um desentendimento com a Guarda Municipal, até hoje não se sabe qual foi a razão deles irem pra cima de alguns estudantes, que foram agredidos por cassetetes e tiveram seus celulares quebrados. Como uma tentativa de conter o que estava acontecendo, foi feito um cordão humano com as mulheres presentes no ato para proteger os(as) demais manifestantes, uma vez que seria muito mal visto pela cidade se os guardas seguissem agredindo apenas mulheres, apesar da autora ter sido uma das estudantes lesionadas durante a confusão inicial.

---

<sup>19</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=788917067886474&set=a.788916137886567> Acesso em: 08 jan. 2024.

**Foto 19** – Cordão humano com as mulheres no segundo ato contra o aumento da tarifa.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Apesar das movimentações e da repercussão na mídia, infelizmente esse ato foi um ponto final na militância de alguns estudantes, que acabaram sendo suspensos(as) e até mesmo expulsos(as) das escolas que ocuparam, fazendo com que os responsáveis ficassem contra qualquer tipo de envolvimento com atos e ações políticas. A frustração diante de não conquistarem o objetivo do não aumento da tarifa foi também um gatilho para surgirem questões referentes a até que ponto a luta por meio de manifestações é algo produtivo diante da vida combinada com trabalho e outras responsabilidades, que estavam sendo cobradas por ser o último ano de ensino médio. Por último, mas não menos importante, um dos ocupas foi para a Fundação Estadual Bem-Estar Menor (FEBEM) por razões desconhecidas desta autora, o que acabou gerando grande tristeza e afastamento do grupo dos Jerezieis.



**Foto 20** – Jerezieis, “ocupas” da E. E. Professor Jorge Madureira



Fonte: Página do Facebook do Levante Popular da Juventude<sup>20</sup>.

É importante frisar que já não é mais possível acessar as reportagens sobre esse ato referente as tarifas de ônibus e todas as fotos e dados presentes nesse trabalho, fazem parte de postagens pessoais e de coletivos da cidade.

---

<sup>20</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=788917067886474&set=a.788916137886567> Acesso em: 08 jan. 2024.

## 5. CONCLUSÃO

A partir do estudo realizado e relatado neste TCC, pudemos observar que os objetivos da pesquisa foram alcançados, pois foi possível identificar os impactos éticos, políticos e educacionais em uma das participantes das ocupações estudantis, a autora.

As atitudes encaminhadas pelos(as) estudantes diante dos conflitos internos da escola mostram a importância de ter sido adotado a política das assembleias como forma de resolução de problemas de qualquer natureza. Sendo assim, foi possível deliberar quais ações seriam realizadas na rotina de cada escola, a partir de decisões coletivas, tomadas por meio de diálogo entre os(as) participantes das ocupações.

O processo educativo vivenciado nas ocupações foi além das aulas ministradas por outras instituições de ensino e voluntários(as). Observe-se que as rodas de conversa e oficinas também se constituíram como espaços e tempos educativos, e sinalizam a potência em relação ao ensino e à aprendizagem que tem a participação ativa dos(as) envolvidos(as) nas tomadas de decisão sobre a gestão de todas as atividades.

Diante da ausência de trabalhos acadêmicos que tem como foco a zona norte de Sorocaba, essa narrativa tornou-se uma possibilidade de analisar a “primavera secundarista” sob outra ótica, identificando as principais diferenças entre as ocupações em um mesmo território, visto que a ocupação da E. E. Professora Beathris Caixeiro Del Cistia contou com a presença direta de movimentos sociais e parcerias externas, enquanto que a da E. E. Professor Jorge Madureira se consolidou com maior apoio da comunidade, sendo a autora uma dos apoios que não estudava na escola. É importante frisar a atuação dos(as) estudantes em atos posteriores ao movimento se reconhecendo como grupo unidos pelas pautas discutidas no interior da escola durante as ocupações.

O reconhecimento da falta de registros sobre os movimentos existentes na região periférica da zona norte da cidade faz com que se criem questionamentos e hipóteses que podem servir para temática de futuras pesquisas da autora. Observe-se que uma das dificuldades durante o trabalho de pesquisa foi encontrar reportagens e fotografias de manifestações de grande valor simbólico aos movimentos sociais, sobretudo, aos secundaristas, como é o caso do protesto na

frente da casa do antigo prefeito da cidade, descrito nas linhas acima como a primeira manifestação referente ao aumento do passe de ônibus em 2016. Grande parte dos registros encontrados que colaboraram para escrita desse trabalho estão disponíveis publicamente em redes sociais de movimentos e coletivos da cidade, sendo esses vulneráveis a qualquer tipo de perda de dados ou acesso impossibilitado.

## 6. REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ. “**Batalhas de Rima em Debate**” é tema de audiência pública no Legislativo. Disponível em: <https://www.assembleia.pr.leg.br/comunicacao/noticias/batalhas-de-rima-em-debate-e-tema-de-audiencia-publica-no-legislativo#:~:text=As%20Batalhas%20Culturais%20de%20Rima,e%20vota%C3%A7%C3%A3o%20da%20torcida%2C%20vence..> Acesso em: 20 dez. 2023.

BARBOSA, A. Mudanças nos planos de carreira do magistério paulista e a desvalorização docente. **Educar em Revista**, v. 39, p. e87141, 2023.

CAMPOS, A.; MEDEIROS, J.; RIBEIRO, M. **Escolas de luta**. São Paulo: Veneta, 2016.

CANHADAS, Diogo. As vozes dos movimentos estudantis paulistas como provocação à reflexão docente. In: ROSALEN, Marilena (org.). **Movimentos docentes: experiências, vivências e histórias**. Diadema: V&V Editora, 2020, p. 80-92.

CARNEIRO, Silvio. Ocupar, resistir e lutar nas redes sociais. **Comunicações** (Unimep), v. 24, p. 137-150, 2017. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.15600/2238-121X>. Acesso em: 27 nov. 2023.

COSTA, A. A. F.; GROPPPO, L. A. (orgs.). **Movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2018.

CORTI, A. P. DE O.; CORROCHANO, M. C.; SILVA, J. A. “Ocupar e resistir”: a insurreição dos estudantes paulistas. **Educação & Sociedade**, v. 37, n. 137, p. 1159-1176, out. 2016.

DIÁRIO DE SOROCABA. 10/11/2015. **Estudantes fazem novo protesto contra reorganização escolar**. Disponível em: <http://diariodesorocaba.com.br/noticia/243499>. Acesso em: 20 dez. 2023.

PINHEIROS, Ari; FREITAS, Fernando. Sorocaba OCUPADA. **Youtube** Documentário escola estadual. 21 de dez. 2015. (43min09s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=umco7oHUgl0&t=772s> Acesso em: 20 dez. 2023.

EVARISTO, Conceição (2007). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos A. (org.) **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, 2009, v. 13, n. 25, p. 17-31.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b, p. 26-46.

GROPPPO, L. A. et al. “Um ato de liberdade”: movimento de estudantes secundaristas em São Paulo, **Pro-Posições**, 2015, v. 34, p. e20210101, 2023.

GROPPO, Luís A. **Ocupações secundaristas em 2015 e 2016 no Brasil:** Formação e auto-formação das e dos ocupas. In: Anais XI Seminário Nacional Sociologia & Política. Anais... Curitiba(PR), UFPR, 2020.

G1. **Secretário da Educação esclarece dúvidas sobre a mudança na divisão de alunos nas escolas.** 23/09/2015a. Disponível em: [g1.globo.com/sp/sao-paulo/bom-dia-sp/video/secretario-da-educacao-esclarece-duvidas-sobre-a-mudanca-na-divisao-de-alunos-nas-escolas-4486989.ghtml](http://g1.globo.com/sp/sao-paulo/bom-dia-sp/video/secretario-da-educacao-esclarece-duvidas-sobre-a-mudanca-na-divisao-de-alunos-nas-escolas-4486989.ghtml) Acesso em: 29 dez. 2023

G1. **Alunos fazem ato na prefeitura contra mudanças no ensino em Sorocaba.** 03/11/2015b. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2015/11/alunos-fazem-ato-na-prefeitura-contramudancas-no-ensino-em-sorocaba.html> Acesso em: 20 dez. 2023.

G1. **Ato contra reorganização escolar termina em bomba em Sorocaba.** 19/11/2015c. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2015/11/ato-contrareorganizacao-escolar-termina-com-bomba-em-sorocaba.html> Acesso em: 20 dez. 2023.

G1. **Estudantes ocupam mais escolas estaduais em Sorocaba.** 23/11/2015d. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2015/11/segunda-escola-estadual-e-ocupada-por-estudantes-em-sorocaba.html> Acesso em: 20 dez. 2023.

G1. **Estudantes ocupam mais escolas estaduais em Sorocaba.** 25/11/2015e. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2015/11/estudantes-ocupam-mais-escolas-estaduais-em-sorocaba.html> Acesso em: 29 dez. 2023.

G1. **Antonio Carlos Pannunzio é eleito prefeito de Sorocaba, SP.** 28/10/2012f. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/eleicoes/2012/noticia/2012/10/antonio-carlos-pannunzio-e-eleito-prefeito-de-sorocaba-sp.html> Acesso em: 29 dez. 2023.

G1. **Ocupação de diretoria de ensino afeta 5 mil funcionários, diz dirigente.** 03/12/2015g. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2015/12/ocupacao-de-diretoria-de-ensino-afeta-5-mil-funcionarios-diz-dirigente.html> Acesso em: 10 nov. 2023.

G1. **Ocupações, atos e polêmicas: veja histórico da reorganização escolar.** 04/12/2015h. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/escolas-ocupadas/noticia/2015/12/ocupacoes-atos-e-polemicas-veja-historico-da-reorganizacao-escolar.html> . Acesso em: 10 nov. 2023.

IBGE 2023 – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sorocaba.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sorocaba/panorama&qt> Acesso em: 02 out. 2023.

JANUÁRIO, Adriano et al. As ocupações de escolas em São Paulo (2015): autoritarismo burocrático, participação democrática e novas formas de luta social. **Revista Fevereiro**, v. 9, p. 1-26, 2016. Tradução. Disponível em: <http://www.revistafevereiro.com/pdf/9/12.pdf> Acesso em: 10 nov. 2023.

JORNAL DA ZONA NORTE. **Após ocupar Lauro Sanches, estudantes querem viralizar ato em outras escolas de Sorocaba.** 19/11/2015. Disponível em:

<http://jornalznorte.com.br/educacao/apos-ocupar-lauro-sanches-estudantes-querem-viralizar-ato-em-outras-escolas-de-sorocaba/> Acesso em: 20 dez. 2023.

MEDEIROS, Jonas; JANUARIO, Adriano. Desrespeito, indignação ou injustiça: o que motivou os secundaristas paulistas a ocuparem suas escolas? In: Congresso Brasileiro de Sociologia, 18, 2017, Brasília. Anais [...] Brasília: ADALTECH, 2017, p. 1-22

MELUCCI, A. Um objetivo para os movimentos sociais? **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 17, jun. 1989, p. 49-66.

MORESCO, Marcielly Cristina. Primavera secundarista: uma convivência feminista. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 1, 2022.

O MAL-EDUCADO. **Como ocupar um colégio?** Manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile. 2015. Disponível em: <https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colc3a9gio.pdf> Acesso em: 20 dez. 2023.

PIOLLI, E.; PEREIRA, L.; MESKO, ASR. A proposta de reorganização escolar do governo paulista e o movimento estudantil secundarista. **Crítica Educativa**, Sorocaba, v. 2, n. 1, p. 21-35, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/71> Acesso em: 20 dez. 2023.

PÓ, Marcos Vinicius; YAMADA, Erika Mayumi Kasai; XIMENES, Salomão Barros; LOTTA, Gabriela Spanghero; ALMEIDA, Wilson Mesquita de. **Análise da política pública de Reorganização Escolar proposta pelo governo do Estado de São Paulo**. UFABC, nov/2015, Disponível em: <https://blogdosalomaoximenes.files.wordpress.com/2015/12/anc3a1lise-da-reorganizac3a7c3a3o-escolar-sp.pdf> Acesso em: 10 nov. 2023.

PLANALTO. **Lei 12.527/11**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/l12527](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527) Acesso em: 20 dez. 2023.

PRONZATO, C. **A rebelião dos pinguins**. 2007. Documentário (40min50s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kYzkDql56yw> Acesso em: 20 dez. 2023.

SALTINI, M. R.; VIDAL, A. G.; OLIVEIRA SOBRINHO, A. S. Políticas Públicas de educação e precarização do trabalho em São Paulo: O abandono da profissão docente na rede pública estadual. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 99–117, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9072> Acesso em: 08 jan. 2024.

SANSONE, F. 311 mil alunos vão mudar de escola em São Paulo. São Paulo: **APEOESP**, 2015. Disponível em: <http://www.apoesp.org.br/noticias/manifestacoes-contra-a-bagunca-da-s-e/311-mil-alunos-vaio-mudar-de-escola-em-sao-paulo/> Acesso em: 22 nov. 2023.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Educação convida pais e responsáveis para construção de um novo modelo escolar**. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/noticias/educacao-convida-pais-e-responsaveis-para-construcao-de-um-novo-modelo-escolar/> Acesso em: 20 dez. 2023.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Secretaria apresenta para especialistas em educação a reorganização da rede**. 25/09/2015. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/noticias/educacao-apresenta-para-especialistas-em-educacao-a-nova-reorganizacao-da-rede/> Acesso em: 20 dez. 2023.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Reorganização**. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/reorganizacao/> Acesso em: 20 dez. 2023.

SPOSITO, M. P.; TARÁBOLA, F. D. S. Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 71, p. e227146, 2017.

SPOSITO, Marília Pontes e TARÁBOLA, Felipe de Souza e GINZEL, Flávia. Jovens, participação política e engajamentos: experiências e significados. **Linhas Críticas**, v. 27, p. 1-20, 2021. Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc27202136719> Acesso em: 10 nov. 2023.